

Expectativas do Mercado

Os resultados da economia dos EUA fortalecem a previsão de que a normalização monetária do País ocorrerá em breve: houve crescimento de 2,3% do Produto Interno Bruto (PIB) no 2º trim. (ante 0,6% no 1º trim.) e a taxa de desemprego se manteve em 5,3% em julho (nível mais baixo dos últimos sete anos). Assim, acredita-se que a alta dos juros virá mesmo na próxima reunião do Federal Reserve (FED), em setembro.

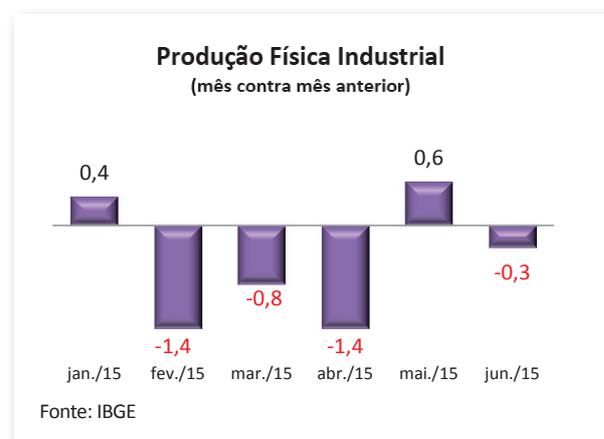
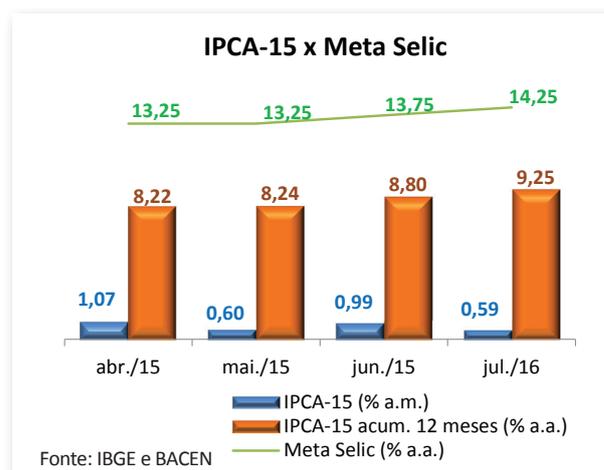
Já a Zona do Euro cresceu menos que o esperado no 2º trim., quando apresentou aceleração de 1,2% (comparação anual). Apesar disso, os empresários estão confiantes que a economia da região vai crescer no longo prazo, impulsionada pelo crescimento da Espanha e pela solidez da Alemanha. A inflação baixa e o alto nível de desemprego (apesar de estável) ainda são dois entraves para a recuperação da região.

Ao desvalorizar artificialmente o Yuan em relação ao Dólar, a China anunciou a reforma de seu sistema cambial, deixando as forças de mercado ditar a orientação futura da moeda. A medida visa dar maior fôlego às exportações e também significa um passo adiante na inserção da moeda chinesa na cesta de reservas do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Houve forte reação no mercado internacional, pelo temor de uma desvalorização forte do Yuan. Porém, a maioria dos analistas acredita que as mudanças no regime cambial chinês são benéficas, já que contribuem para a melhora da atividade econômica da China, tendo consequências positivas sobre a economia mundial como um todo.

Se isso ocorrer, a flutuação da moeda chinesa pode ter efeitos positivos também sobre o Brasil, já que pode ampliar a demanda chinesa de alguns produtos, especialmente commodities (que é a principal pauta exportadora do Brasil com o País). Isso poderia auxiliar a recuperação da industrial nacional.

Internamente, a expectativa dos analistas do mercado financeiro piorou e, pela primeira vez, estão prevendo contração da economia inclusive em 2016. Segundo o Boletim Focus, o PIB deve fechar 2015 com retração de 2,0% e de 0,15% em 2016. Para a inflação, os analistas esperam alta de 9,32% em 2015 (o IPCA já acumula 6,83% este ano). A taxa de câmbio, por sua vez, deve se situar em um patamar acima de R\$/US\$3,50. Na sua última reunião, o Comitê de Política Monetária (Copom) elevou a taxa básica de juros (Selic) para 14,25% a. a. e deve fechar 2015 neste patamar, segundo os analistas do mercado.



Expectativas do mercado

	Unidade de Medida	2015	2016	2017	2018	2019
PIB	% a.a. no ano	-2,00	-0,15	1,50	2,00	2,15
IPCA	% a.a. no ano	9,32	5,44	4,55	4,50	4,50
Taxa Selic	% a.a. em dez.	14,25	11,88	10,50	10,00	10,00
Taxa de câmbio	R\$/US\$ em dez.	3,48	3,60	3,53	3,60	3,61

Fonte: Banco Central do Brasil - Boletim Focus, de 14/08/2015

Confira os últimos estudos/pesquisas da UGE:

- [Anuário do Trabalho na Micro e Pequena Empresa 2014](#)
- [Livro GEM 2014](#)

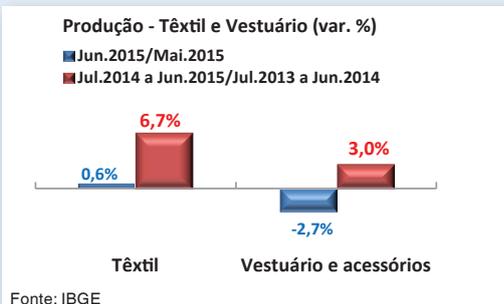
Acesse esses e outros estudos e pesquisas, clicando [aqui](#).

Notícias Setoriais

Comércio Varejista

Em junho, o comércio varejista registrou queda no volume de vendas (-0,4%) sobre maio, pelo quinto mês consecutivo. Já a receita nominal não mostrou variação, feito o ajuste sazonal. No comparativo com igual mês de 2014, houve queda no volume de vendas (- 2,7%) e elevação de 4,6% na receita nominal (sem ajustes). No ano, o volume de vendas acumula queda de -2,2%, enquanto a receita nominal, alta de 4,2% em relação ao mesmo período de 2014. O segmento de móveis e eletrodomésticos continua contribuindo com o maior impacto negativo para o indicador, acumulando variação de -11,3% no volume de vendas até junho 2015. Este desempenho tem refletido o menor ritmo da atividade econômica do País, com maior restrição do orçamento familiar e menor ritmo de crescimento do crédito.

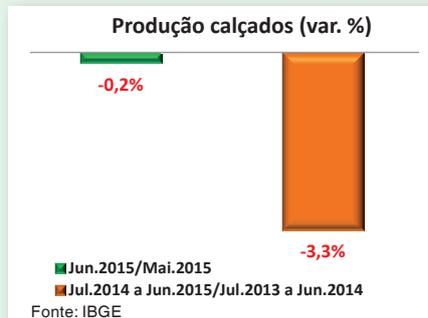
Têxtil e Vestuário



A produção da indústria têxtil, em junho, registrou crescimento de 0,6% e a de vestuário e acessórios, queda de 2,7%, ante maio deste ano. Nos últimos 12 meses, a produção têxtil acumula alta de 6,7% e a de vestuários, de 3,0%. No setor externo, as importações de vestuário estão na contramão da dinâmica recente da balança comercial brasileira. Enquanto as compras nacionais do exterior reduziram em quase 20% até julho, as importações do setor aumentaram quase 4% no mesmo período, alcançando US\$ 1,77 bilhão em 2015. O aumento das importações têxteis, segundo os especialistas, é reflexo das pressões de custos que dificultam ganhos de produtividade da indústria nacional mesmo diante do câmbio mais competitivo.

Calçados

Em junho, a produção brasileira de calçados manteve-se negativa, apresentando queda de 0,2% sobre o mês anterior e acumulando retração de 3,3% nos últimos 12 meses. O desempenho da balança comercial do setor também está aquém do desejado, e ainda não reflete a maior competitividade do câmbio. Segundo a Abicalçados, houve aumento do embarque em julho, quando foram exportados 9,5 milhões de pares que geraram US\$ 80 milhões - o valor é superior ao registrado no mês anterior, mas inferior ao do mesmo mês do ano passado. Neste ano, os calçadistas já embarcaram 65,6 milhões de pares que geraram US\$ 544 milhões, quantia 10,6% acima da registrada no mesmo período de 2014.



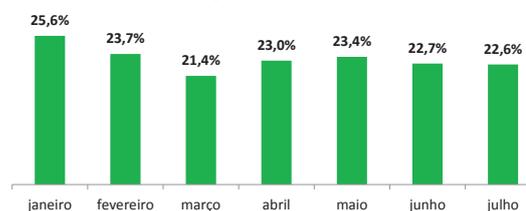
Móveis

A produção de móveis registrou queda de 6,4% em junho, frente ao mês anterior, acumulando retração de 7,3% em 2015 e de 6,6% nos últimos 12 meses. Dado que o cenário econômico mantém-se desfavorável a investimentos, em função das altas taxas de juros, contração da renda familiar, dos lucros das empresas e restrição ao crédito, é esperado que as vendas internas continuem a apresentar pouco dinamismo nos próximos meses. No ambiente externo, o setor também vem apresentando resultados ruins e acumula déficit de US\$ 103,3 milhões no saldo comercial. No entanto, espera-se aumento das exportações, favorecidas pela sustentação do dólar acima de R\$ 3,00 nos próximos meses, minimizando o impacto da retração do setor do mercado doméstico.

Turismo

Segundo a Sondagem do Consumidor – Intenção de Viagem, MTur, em julho, 22,6% dos brasileiros demonstraram intenção de viajar nos próximos seis meses (abaixo do resultado do mesmo mês, em 2014, de 23,9%). A maior parte deles (73,3%) continua preferindo os destinos turísticos nacionais, motivação que deve ser potencializada à medida que o dólar fica menos atraente para gastos no exterior. A região Nordeste continua sendo a preferida dos turistas brasileiros (43,5%) e o avião ainda é o meio de transporte mais utilizado pela maioria dos turistas nacionais (56,8%), mas observou-se nova queda (era preferência de 57,3% no mês anterior).

Percentual de brasileiros que demonstraram intenção em viajar nos próximos 6 meses



Fonte: MTur e FGV - Sondagem do consumidor - Intenção de viagem

Artigo do mês

Densidade e atratividade dos pequenos negócios no Brasil

Rafael de Farias Costa Moreira¹

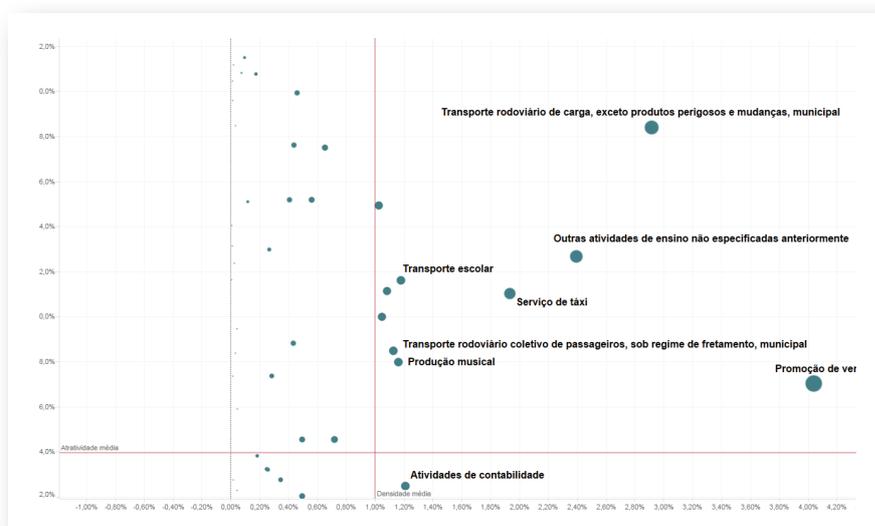
Perseguir a excelência no desenvolvimento dos pequenos negócios requer conhecer sua distribuição, sua evolução recente e formular projeções sobre seu futuro. O documento “O Público do Sebrae” procura dar insumos nesse sentido para os colaboradores do Sistema Sebrae. Nele, são apresentadas as definições e análises de cada um dos segmentos de público do Sebrae – microempreendedores individuais, microempresas, empresas de pequeno porte, potenciais empresários e potenciais empreendedores.

Uma das análises feitas para os pequenos negócios empresariais é a de “densidade e atratividade”. Entende-se como “densidade” a participação das empresas de um mesmo porte e que exercem a mesma atividade (CNAE 7 dígitos) no total de empresas do setor e porte aos quais pertencem. Assim, quanto mais empresas de um mesmo porte atuarem numa determinada atividade, maior será a “densidade” dessa atividade. Já a “atratividade” é medida pela taxa de crescimento anual do número de empresas de uma mesma atividade e mesmo porte. Quanto maior essa taxa, maior a “atratividade” dessa atividade para as empresas do mesmo porte.

No documento, são apresentadas análises nacionais para cada um dos portes (MEI, ME e EPP) e para quatro setores (Indústria, Construção Civil, Comércio e Serviços). Para auxiliar os Sebrae UFs e gestores de carteira do Sebrae NA, foi criada, também, uma ferramenta online dinâmica, na qual é possível obter a análise por estado, porte e setor. A plataforma pode ser acessada pelo link www.tinyurl.com/densidade.

Dessa forma, gestores saberão de forma rápida e simples quais são as maiores atividades e aquelas que mais crescem em número de negócios no seu estado e poderão utilizar essa informação no seu planejamento. Cada ponto no gráfico representa uma atividade; aquelas com densidade e atratividade acima da média aparecem acima e à direita das linhas vermelhas (ver exemplo abaixo).

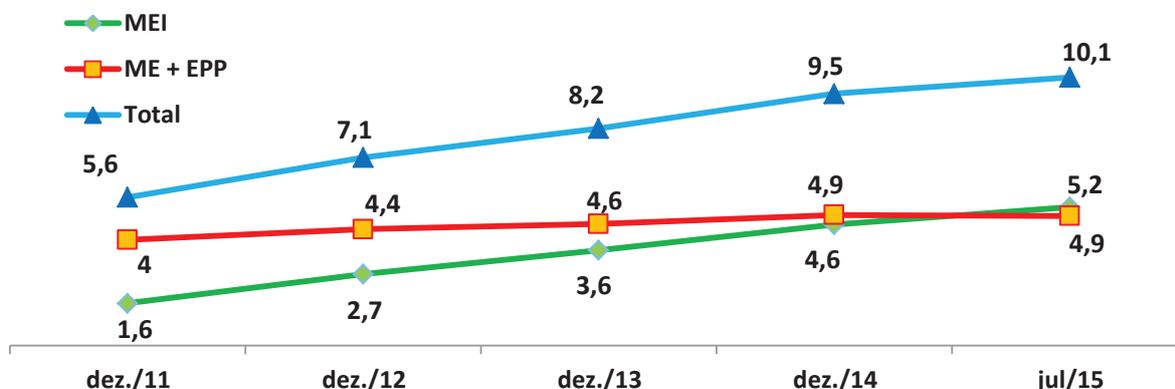
Naturalmente, este não precisa ser o único critério a ser utilizado na priorização de atividades – potencial de impacto econômico, por exemplo, pode ser outra importante variável de análise. Porém, o Sebrae deve sempre olhar com atenção para atividades com grande concentração de público e/ou de grande dinamismo, e a análise de densidade e atratividade é uma importante ferramenta de auxílio nesse sentido.



¹Economista, Mestre pela UnB e analista da UGE do Sebrae Nacional

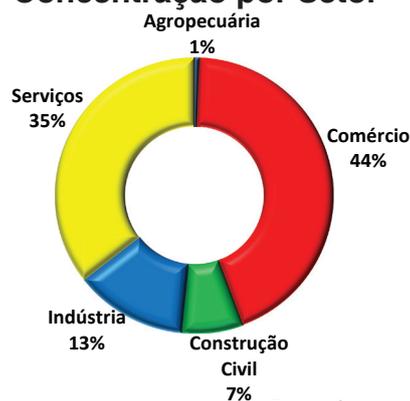
Pequenos Negócios no Brasil

**Evolução dos optantes pelo Simples Nacional
(em milhões)**



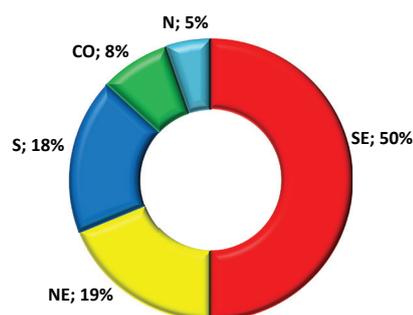
Fonte: Receita Federal

Concentração por Setor



Fonte: Secretaria da Receita Federal – agosto/2015

Concentração por Região



Estatísticas dos Pequenos Negócios

Participação dos Pequenos Negócios na economia	Período	Participação (%)	Fonte
No PIB brasileiro	2011	27	Sebrae/FGV
No número de empresas exportadoras	2013	59,4	Funcex
No valor das exportações	2013	0,8	Funcex
Na massa de salários das empresas	2013	41,4	Rais
No total de empregos com carteira	2013	52,1	Rais
No total de empresas privadas	2015	98,2	Sebrae
Outros dados sobre os Pequenos Negócios	Período	Total	Fonte
Quantidade de produtores rurais	2013	4,2 milhões	PNAD
Potenciais empresários com negócio	2013	13,2 milhões	PNAD
Empregados com carteira assinada	2013	15,7 milhões	Rais
Remuneração média real nas MPEs	2013	R\$ 1,48 mil	Rais
Massa de salário real dos empregados nas MPEs	2013	R\$ 24,4 bilhões	Rais
Número de empresas exportadoras	2013	10,9 mil	Funcex
Valor total das exportações (US\$ bi FOB)	2013	US\$ 2 bilhões	Funcex
Valor médio exportado (US\$ mil FOB)	2013	US\$ 195,4 mil	Funcex

Obs.:
1. Microempreendedor Individual (MEI): receita bruta anual de até R\$ 60 mil.
2. Microempresa (ME): receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEI.
3. Empresa de Pequeno Porte (EPP): receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e igual ou inferior a R\$ 3,6 milhões.